

## Campanhas contra uniões prematuras: experiências do audiovisual nas zonas rurais moçambicanas<sup>1</sup>

FUEL, Isaias Carlos<sup>2</sup>

JACKS, Nilda<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS

### Resumo

O presente artigo reflete sobre as potencialidades do uso do audiovisual nas campanhas de prevenção e combate as uniões prematuras em Moçambique. Deste modo, descreve-se o contexto histórico das uniões prematuras em Moçambique e o uso do audiovisual como ferramenta política na emancipação das jovens. O artigo recorre à Jacques Rancière, na sua reflexão sobre a partilha do sensível e Jean-Louis Comolli no seu debate sobre o cinema militante. A análise permitiu entender que o audiovisual constitui uma ferramenta política e de militância na medida em que o audiovisual reivindica direitos para a rapariga. Em adição, o audiovisual permite que a comunidade veja os códigos dos costumes o que de certa forma dá a possibilidade de pensar outros destinos para eles.

**Palavras chaves:** uniões prematuras; audiovisual; campanhas; partilha do sensível; cinema militante

### Introdução

O audiovisual em análise faz parte do projeto de tese em recepção midiática em curso. Assim sendo, no presente artigo objetiva-se compreender a relação histórica de práticas de uniões prematuras e do audiovisual como arte política pelo qual as comunidades, em especial as raparigas constroem suas forma de partilha do sensível. Os dados a serem discutidos resultam da análise do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Comunicação Audiovisual, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Doutorando bolsista da CAPES no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação / UFRGS, e-mail: [isaiasfuel@gmail.com](mailto:isaiasfuel@gmail.com)

<sup>3</sup> (Orientadora) professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Santa Maria (1975), assim como graduação em Comunicação Social (1978) e Bacharelado em Arte decorativa (1978) pela mesma universidade. Realizou Mestrado (1987) e Doutorado (1993) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1993). Pós-doutorado em Comunicação na University of Copenhagen (1999) e na Universidad Nacional da Colombia (2006). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria da recepção, teoria da comunicação, identidade cultural, metodologia e recepção. e-mail: [njacks@terra.com.br](mailto:njacks@terra.com.br)

---

audiovisual sobre uniões prematuras e tem como suporte teórico a reflexão de Jacques Rancière sobre a partilha do sensível e Jean-Louis Comolli no seu debate sobre o cinema militante, entendido como aquele que resulta da luta dos movimentos sociais contra a condição marginal e deplorável. Neste caso, a situação da rapariga no contexto moçambicano.

O artigo estrutura-se da seguinte maneira: primeiro debaterá o contexto histórico das uniões prematuras em Moçambique; em segundo focará no contexto da disseminação dos audiovisuais no contexto rural; em terceiro debater-se-á a questão do audiovisual militante; o quarto ponto descreverá o audiovisual como ferramenta de criação de partilhas; na quinta parte analisar-se-á o audiovisual *não as uniões prematuras* como partilha do sensível; e por fim as considerações finais.

### **Contexto da prática das uniões prematuras em Moçambique**

As uniões de raparigas com menos de 18 anos em Moçambique são uma grande preocupação, pois Moçambique está no décimo lugar entre os países com problemas de uniões prematuras. Sara Pinto (2017), aponta que em termos de uniões prematuras a zona norte lidera: Niassa com uma percentagem de 24,2%; Cabo-Delgado com 9,6%; e Nampula com 20,6%. Na zona centro temos: Zambézia com 23,3%; Tete com 19%; Manica com 20,8%; e Sofala, 18,6. Na zona sul temos: Inhambane com 9,4%; Gaza com 8,8%; Maputo província com 5,8; e finalmente Maputo-Cidade com 3,9%.

O debate sobre uniões prematuras em Moçambique é antigo, porém a sua visibilidade teve início em 2014, quando a sociedade civil e organizações não governamentais começaram a exigir uma lei que penalizasse os infratores. De acordo com Francisco (2014), esta luta resulta do fato de que as uniões prematuras prejudicam a rapariga no acesso, permanência e conclusão do sistema educativo, problemas de saúde e no empoderamento da rapariga e da mulher como um todo. A título de exemplo, o analfabetismo em Moçambique tem percentagens elevada, onde os dados do Inquérito aos Orçamentos Familiares (IOF) 2014/2015, indicam que “as mulheres continuam em desvantagem em relação aos homens no que concerne ao domínio da leitura e da escrita, ao apresentarem uma taxa de

---

analfabetismo em 2014/15 de 57.8%, comparativamente a 30.1% dos homens (INE, 2015: 68)

É perante esta vulnerabilidade da rapariga que o Governo Moçambicano, através do Ministério do Interior instalou mais de 200 gabinetes da Polícia para apoiar crianças e mulheres vítimas de violência, abuso e exploração. Segundo Albino Francisco (2017), “esses gabinetes oferecem um espaço seguro para as vítimas denunciarem incidentes de violência sexual à polícia. A polícia tem, ainda, o dever de encaminhar para a ação social, saúde e outros provedores de serviços relacionados.”

Para além desta atividade, estabeleceu-se uma abordagem multisectorial que visa criar um sistema de encaminhamento para assistência e reintegração social das vítimas (FRANCISCO, 2017, p.10). É dentro de uma abordagem multisectorial que o ICS juntos com diversas instituições governamentais e não governamentais produzem conteúdos audiovisuais para a prevenção e combate ao fenómeno das uniões prematuras disseminado através das Unidades Móveis Multimídia.

As Unidades Móveis Multimídia (UMM) estão em quase todas as delegações do ICS e estão equipadas de um veículo, um gerador elétrico, uma tela de projeção gigante, projetor, mesa de som, alto-falantes, Jornais o campo, revistas, uma cadeira, bidões de combustível, bidões de água, tenda, lona para proteger o equipamento e mantas. De acordo com Ana Quisbert (2019), o projeto de UMM tem mais de 15 anos e foi implementado na busca de respostas às dificuldades de acesso à informação, comunicação e educação em locais mais recônditos de Moçambique. Esta autora aponta que a partir de 2002, a UNICEF em parceria com o Instituto de Comunicação Social (ICS) e algumas instituições nacionais implementaram iniciativas de educação comunitária usando o audiovisual. O alvo são as comunidades com altos índices de analfabetismo e com dificuldades de acesso à mídia. Com a iniciativa objetiva-se:

encorajar os debates na comunidade sobre questões relacionadas com o HIV/SIDA, Saúde Sexual e Reprodutiva promoção da educação dos jovens especialmente para a rapariga, disseminação de informação sobre os Serviços de Saúde Amigos de Adolescentes e

---

Jovens (SAAJ), Geração Biz (GB) e serviços de Aconselhamento e Testagem para Saúde (ATS). (QUISBERT, 2019, p. 12).

Como resultado desta estratégia, Ana Quisbert (2019), aponta que em 2006, as atividades das UMM alcançaram mais de 100.000 pessoas em 147 comunidades, num total de 28 distritos das províncias abrangidas pelo projeto. Acrescenta a autora que as UMM provocaram efeitos favoráveis aos 3 níveis da Dimensão Consciência da mudança do comportamento: 1) exposição ao novo comportamento, 2) conhecimento e aprendizagem e 3) disposição a pôr em prática o novo comportamento.

As Unidades Móveis Multimídias na sua forma de atuação usam como estratégia de comunicação o modelo Educação e Entretenimento (EE). De acordo com Martine

Boumann (1999, p. 25, tradução nossa), educação e entretenimento é “o processo de colocar conteúdo educacional nas mensagens da mídia de entretenimento para aumentar o conhecimento sobre um problema, criar atitudes favoráveis e mudar comportamentos evidentes sobre a questão ou tópico da educação.” Enquanto no sentido mais amplo, EE<sup>4</sup> como é

a utilização do entretenimento como prática comunicacional específica, destinada a comunicar estrategicamente as questões do desenvolvimento, de forma e com finalidade que pode ir desde o marketing social dos comportamentos individuais em sua definição mais limitada, até a articulação de agendas em busca de mudança social, liderada por cidadãos e de afeto libertador. (TUFTE, 2015, p. 89).

A luz destes conceitos, o EE é uma estratégia comunicacional fulcral quando o objetivo é comunicar-se com as comunidades rurais. Esta estratégia de acordo com Thomas Tufte (2015), surge no ano de 1973, no Texas, Estados Unidos de América. Segundo este autor é uma estratégia que está sendo usada para a promoção da mudança de comportamento a nível individual e apoiar a mudança social. Acrescenta que esta estratégia, também, estimular através da

---

<sup>4</sup> el uso del entretenimiento como una práctica comunicacional específica, trabajada para comunicar estratégicamente respecto de cuestiones del desarrollo, en una forma y con un propósito que pueden ir desde el marketing social de comportamientos individuales en su definición más limitada, a la articulación de agendas en pos del cambio social, liderado por los ciudadanos y de afecto liberador. (TUFTE, 2015, p. 89).

---

mobilização social a participação dos indivíduos e empoderamento dos grupos minoritários marginalizados para ações coletivas.

A história desta estratégia pode ser dividida em três momentos. Segundo Thomas Tufte (2015) o primeiro momento, se caracteriza pelo uso do marketing social, onde o EE foca nos comportamentos sociais entre os indivíduos que assistem os programas.

O segundo momento, consiste em superar as limitações do marketing social que focava na mudança individual do comportamento. Nesta fase, a estratégia parte de um reconhecimento da complexidade dos problemas sociais de saúde e outras questões relativa ao desenvolvimento, como resultado introduz-se nesta estratégia o enfoque participativo. Afirma Thomas Tufte (2015) que houve uma reorientação onde a sociedade passou a ser o centro de mudança. A teoria crítica social foi introduzida nos debates do EE desafiando as teorias de comunicação condutivista de tipo causa e efeito. Sublinha o autor que a introdução da teoria da recepção sugere entendimentos mais atentos na complexidade dos processos de interpretação, construção de sentido e mudança.

O terceiro momento é descrito como aquele em que existe um forte reconhecimento de que a existência de pouca informação não é o centro do problema e que o problema está na mudança que subjaz no desequilíbrio de poder, na desigualdade estrutural e nos problemas sociais profundos. Acredita-se nesta fase que a solução reside em fortalecer as pessoas de habilidades para identificar os problemas no dia-a-dia e habilidades para atuar, tanto coletivamente ou individualmente (TUFTE, 2015, p. 95). Partindo do pressuposto de que as desigualdades social e estrutural estão no centro das atenções, a estratégia de Educação e Entretenimento focará na mudança social sem excluir a mudança do comportamento individual.

### **Contexto da projeção dos audiovisuais**

A projeção do audiovisual é feita em diferentes situações, dependendo dos espaços disponíveis nas comunidades, isto é, as vezes as projeções podem acontecer na escola, ao ar livre, etc. a figura abaixo descreve momento da projeção

do audiovisual no Posto Administrativo de Macate-sede<sup>5</sup>. Nesta comunidade o pesquisador junto com a equipe da unidade móvel multimídia chegaram pelas 9 horas, dia 18 de janeiro de 2020 até dia 19 de janeiro.

#### IMAGEM 1- AUDIÊNCIA NO POSTO ADMINISTRATIVO DE MACATE-SEDE



Fonte: autor

O ponto de partida é a exibição de vídeos clips de música de diversos estilos e só quando estiver presente na sala um número de pelo menos 50 pessoas se inicia a projeção dos audiovisuais programados. Os vídeos clips são de músicas do momento, tanto Moçambicanas ou dos países vizinhos. Todavia, dá-se maior primazia à música local. A música tem o papel de entreter e de chamar as comunidades ao local de projeção.

#### Cinema Militante

A revolução estética permitiu uma” indefinição entre a razão dos fatos e a razão da ficção e o novo modo de racionalidades da ciência histórica. ” (RANCIÈRE, 2005, p.54). É dentro desta revolução que o cinema se tornou em uma máquina que constrói a realidade, e que também é fabricado por ela. Para além de “refletir” num determinado acontecimento, numa situação, ação ou realidade, o audiovisual os constrói; ele os produz enquanto eventos fílmicos, realidades filmadas (COMOLLI, 2015 p. 168). Acrescenta o autor que está claro que

<sup>5</sup> Chegados à Macate-sede, o chefe da equipe fez apresentação no posto do comando policial de Macate-Sede e depois o comandante nos acompanhou para casa do Mambo (régulo). Chegado ao local onde estava o Mambo houve as devidas apresentações e o Mambo sugeriu a Escola Primária Completa de Macate. Ainda na busca da melhor sala fomos avisados que numa das salas tinha uma cobra. Algumas pessoas junto com o Mambo foram ver e mataram. Tivemos informação que era uma cobra mamba e que esta cobra andavam duas e se possível a segunda viria vingar-se, deste modo mudou se do local e como o clima estava favorável a exibição do audiovisual foi ao ar livre como ilustra a imagem 1 .

---

dentro do processo de fabricação o cinema encena, fabrica, representa história com o intuito de atribuir-lhe formas que a tornarão visível (COMOLLI, 2015 p. 168).

O fato do cinema possibilitar formas de tornar visível o invisível, permiti que se diga o indizível e dá várias possibilidades de lutas de várias jovens, dentro das comunidades rurais moçambicanas. Fazendo isso, o sofrimento e as humilhações dos grupos marginalizados (neste caso as jovens) torna-se visível e ao ser visualizado passe a ser assunto de consumo e abre uma possibilidade de debate profundo no seio das famílias e das autoridades locais e da comunidade como um todo.

O combate à prática de uniões prematuras em Moçambique é marcado por resistências sociais, culturais (Gender Links, 2017) e econômicas (RUBIN, 1971; Francisco (2014)), o que tem chamado de forma urgente o engajamento do audiovisual militante pois existe uma tendência, em algumas regiões, de manter a prática de uniões prematuras através das práticas do Cubatiro (prática cultural de reserva de uma jovem para um futuro marido, esse marido na sua maioria é um homem muito mais velho). A opor-se a estes atos os audiovisuais militantes aparecem como forma de reação a opressões históricas sofridas pelas jovens, o que suscita o interesse em entender que partilha do sensível está sendo construído pelos audiovisuais, disseminadas nas zonas rurais, para o combate e prevenção das uniões prematuras? E que sentidos cotidianos emergem dos audiovisuais sobre uniões prematuras no contexto rural moçambicano? De que forma as informações transmitidas pelos audiovisuais contribuem para a criação de conhecimentos para a prevenção e combate as uniões prematuras?

### **Uniões prematuras e a criação de novas partilhas**

A relação entre política e estética constitui o cerne do debate do Jacques Rancière (2005), na sua obra, *A partilha do sensível*, onde esta é concebida como:

... sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira

---

como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p.15)

De acordo Jacques Rancière (2005, p. 17) a política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de que tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço dos possíveis tempos. ” É dentro deste entendimento que o autor argumenta que “a partilha define quem aparece e toma parte no comum de acordo com sua ocupação, tempo e o espaço em que desempenham essa função. ” (GOMES, 2014, p.106).

Olhando para o audiovisual sobre o combate e prevenção das uniões prematuras há uma representação de que se deve combater a competências que os familiares têm de definir o futuro das jovens. Tendo como base o entendimento de Rancière de partilha, a estética é entendida como o sistema sensível que distribui as formas de ver, de falar de ouvir, isto é, a estética define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência” (RANCIÈRE, 2005, p. 16). Em adição, a estética ocupa-se com o recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível (RANCIÈRE, 2005, p. 16).

Outra preocupação do Jacques Rancière concentra-se na representação ou *mimesis*.

De acordo com este autor a representação “organiza maneiras de fazer ver e julgar” (2005, p. 31). Todavia, o autor argumenta que “o princípio mimético restringe o papel da arte a imitações. ” O que, por sua vez, “contrapõe-se o regime *estético* [isto porque] os modos de ser dos objetos da arte pertencem, dessa forma, ao um regime específico do sensível. ” (RANCIÈRE, 2005, p. 32). Segundo Jacques Rancière existe uma ambiguidade, porque “o regime estético das artes é aquele que propriamente identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes” (RANCIÈRE, 2005, p. 32).

Observando para a representação da jovem e da estética do audiovisual sobre as uniões prematuras há uma representação da rejeição dos desejos da jovem através das práticas culturais que consistem na obrigação da jovem a celebrar o matrimônio que só beneficia as famílias e nunca a jovem. Deste modo, “podemos pensar o audiovisual como uma afinação do olhar em que a arte não se reduziria a militância, mas carrega uma potência política. ” (FREITAS, 2019, p. 8)



---

De acordo com Suelem Lopes Freitas (2019) ao conceber a representatividade como uma potência política é mais sobre um dar a ver, mas também é uma produção de uma existência. Sublinha essa autora que, uma vez que haja existência deve se questionar como está sendo representada esse corpo e que o conteúdo relacionado com esse corpo. No que tange aos conteúdos, importa apontar questões relacionadas a construção de conteúdos que mobilize os familiares que incentivam as uniões prematuras, numa “via da sensibilidade, do sensível que alargue essa partilha do sensível” (FREITAS, 2019, p. 8), nas comunidades rurais Moçambicanas.

### **A partilha do sensível no audiovisual sobre uniões prematuras**

O audiovisual foi produzido pelo Instituto de Comunicação Social e parceiros e imprime uma questão política de representação do sofrimento da jovem no contexto rural moçambicano. A estrutura opressora representada retrata os elementos já codificados no cotidiano das jovens, como por exemplo, o fato dos tios terem um poder de determinar o casamento da jovem mesmo que ela seja menor e não queira se casar.

O audiovisual centra-se numa questão histórica e cultural que consiste em as famílias alegarem questões espirituais para entregarem as jovens para casarem com homens adultos. Esta cena traz quatro personagens: senhor Mazuze (tio); Kia; Irmão da Kia; e senhor Boa (responsável pelas Kia e o irmão). A narrativa inicia com a chegada do senhor Mazuze (representa o papel de tio), acompanhado por um outro senhor à casa da Kia e o irmão. A Kia avisa ao irmão da chegada do tio Mazuze.

O irmão da Kia sai da casa e sauda os visitantes, na mesma hora a Kia e a amiga, que estavam a trabalhar, deixam e sentam na esteira para saudar os visitantes. Finda a saudação, o tio Mazuze explica a razão da visita, dizendo que o pai da Kia teria morrido deixando problema de espírito e que essa foi a razão da morte dele e da esposa. A solução para que não haja mais mortes é a Kia casar-se na família onde o pai tinha deixado problemas espirituais. Em resposta, o irmão da Kia diz que não era possível, pois a Kia não tinha idade de casar e ainda devia ir para escola. O tio insiste que ela devia casar, pois já era grande, no mesmo

---

momento a Kia começa a chorar rejeitando o casamento, afirmando que era criança e que queria continuar a ir para à escola.

Este cenário é visto pelo responsável da Kia e do irmão no bairro, que se próxima para saber. Depois das saudações, este procura saber o que estava a se passar com a Kia que chorava copiosamente. Reagindo a pergunta o irmão da Kia apresenta o tio. O jovem afirma que o tio não mora naquela vila e que vinha levar a Kia para casar. O responsável pediu mais esclarecimento sobre o assunto. O senhor Mazuze inicia a explicação dizendo

que: mesmo que o senhor Boa seja o responsável não é familiar destas crianças e que o familiar legítimo era ele. Explica que o falecido antes de morrer criou problemas de espírito e muita gente está a morrer e a solução é casar a Kia.

O senhor Boa responde dizendo que a Kia era criança e não podia deixar isso acontecer e que o problema devia ir até as autoridades do bairro. Chegados no representante da autoridade do bairro, o senhor Mazuze explicou a situação da necessidade de querer levar a Kia para casar, mas as autoridades não aceitaram e sugeriram que o senhor Mazuze falasse com a família lesada para aceitar o pagamento em dinheiro. O senhor afirmou que não tinha dinheiro e assim as autoridades responsabilizaram-se em coletar o dinheiro à nível dos membros da comunidade para o pagamento da dívida.

Se para pensarmos na história é necessário ficcionarmos (RANCIÈRE, 2005), então pensar nas uniões prematuras com uso do audiovisual é ficcionar essa realidade e dar uma oportunidade para pensar essa realidade que durante anos foi considerada como pertencente ao espaço privada. Este audiovisual representa um universo ficcional rico que constrói uma “maneira de dar sentido ao universo empírico das ações” (RANCEIRE, 2005, p. 55), pois expõe as vivências e as práticas culturais das comunidades rurais moçambicanas. É dentro das potencialidades do audiovisual que Jesus Martin-Barbero (1997, p. 267) argumenta que “as massas populares irão ao cinema não tanto para se divertir e si para fazer experimento com sua vida cotidiana, e para ver reiterada os códigos dos costumes. ” E neste caso as comunidades irão se juntar nas escolas ou ao ar livre para partilhar o seu cotidiano e sua cultura.

---

Dentro deste cenário pode se, ainda, dizer que o audiovisual ao performar narrativas da vida sofrida das jovens nas zonas rurais e mesmo nas cidades nos remete a ideia do ser de um audiovisual que não é só de representação, mas sim uma arte que emancipa (MARTIN-BARBERO, 1997) as jovens, pois dá uma forma de sensibilidade de modo a trazer uma questão que agita a subjetividades das comunidades, em especial das jovens, para que se discuta de forma mais profunda nas comunidades rurais, através das rádios comunitárias e televisões comunitárias, rádios e televisão pública e privada. Nas zonas comunitárias mais distante das zonas urbanas este debate é trazido pelas Unidades Móveis Multimídia.

Está claro que a disseminação do audiovisual sobre as uniões prematuras no seio das comunidades rurais desestrutura todas as ideias milenares assentes na estrutura opressora fabricando outros sentidos em relação ao casamento antes da idade mínima de 18 anos, como afirma Marc Ferro (2010) o filme tem essa capacidade de desestruturar a subjetividade que as sociedades passadas construíram e ordena num belo equilíbrio. Sublinha, este autor que o filme “destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo conseguiu construir diante da sociedade.” (FERRO, 2010, P.31).

### **Considerações finais**

O combate e prevenção das uniões prematuras, principalmente, no meio rural Moçambicano é um assunto extremante político. Mandar casar uma jovem mesmo sem idade para casar como forma de ganhar benefícios econômicos faz parte do cotidiano de uma parte de jovens em quase todo o território moçambicano. Deste modo, o audiovisual para além de trazer o cotidiano levanta questões a nível estético.

O uso do audiovisual no combate à uniões prematuras, nas zonas rurais, tem uma potência política, na medida, em que produz novos efeitos, novos sentidos. Em adição, o audiovisual possibilita que as comunidades não só possam se educar, se entreter com o audiovisual mas podem fazer experimento com sua vida cotidiana, e para ver reiterada os códigos dos costumes o que de certa forma dá a possibilidade de pensar outros destinos para eles, principalmente para as jovens. Em adição, o audiovisual apresentado nas comunidades constitui

---

verdadeiro mecanismo de promoção da educação usando entretenimento, aliás esse audiovisual representa não só o imaginário popular, mas um conjunto de normas que devem guiar a vida em comunidade. Por outro lado, transmitem informações sobre uniões prematuras que podem ser transformados em conhecimento para o bem da rapariga.

### Referências

BOUMANN, Martine. The Turtle and the Peacock Collaboration for Prosocial Change: the Entertainment-Education Strategy on Television. 1999. Disponível em <file:///C:/Users/USU%20C3%81RIO/Downloads/TheTurtleandthePeacock.pdf> acessado em 29 de março de 2020

CESAR, Amaranta. Que lugar para a militância no cinema brasileiro contemporâneo? Interpelação, visibilidade e reconhecimento. Disponível em: [file:///C:/Users/USU%20C3%81RIO/Downloads/12493-26116-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/USU%20C3%81RIO/Downloads/12493-26116-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 13 Ago. 2020.

COMOLLI, Jean-Louis. O espelho de duas faces. In: YOEL, Gerardo (Org.). Pensar o cinema. Imagem, ética e filosofia. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 165-203.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GENDER LINKS. **Casamentos prematuros: um fenómeno social presente nas famílias Moçambicanas**. Durban. Art Print. 2017.

INE, Censo de 2017: **IV Recenseamento Geral da população e habitação**. 2017

Martin-Barbero, Jesus. **Dos meios às mediações**. Brasil. UFRJ. 1997.

PINTO, Sara. Casamentos prematuros em contexto de ritos de iniciação feminina, praticados pela etnia Macua: olhares dos finalistas do curso de licenciatura em serviços sociais. Dissertação de mestrado em relações Interculturais. Universidade Aberta. Lisboa. 2017. Disponível em [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7019/1/TMRI\\_SaraPinto.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7019/1/TMRI_SaraPinto.pdf) acessado em 30 de Janeiro de 2019

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível. Estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

VICENTE, J. Prematuridade e responsabilidade familiar das raparigas moçambicanas. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/USU%20C3%81RIO/Downloads/1679-5782-1-PB.pdf> acessado em 27 de 2019